ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES

Matheus Lima **Marchel**

A PARTICIPAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA TOMADA DE MONTE CASTELO

Resende
2019

	APÊNDICE III (TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL) AO ANEXO B (NITCC) ÀS DIRETRIZES PARA A GOVERNANÇA DA PESQUISA ACADÊMICA E DA DOUTRINA NA AMAN	**AMAN 2019**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA PROFISSIONAL

TÍTULO DO TRABALHO: A participação da Força Expedicionária Brasileira na tomada de Monte Castelo.
AUTOR: Matheus Lima Marchel

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo a Academia Militar das Agulhas Negras a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em revista técnica da Escola ou outro veículo de comunicação do Exército.

A AMAN poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 23 de setembro de 2019.

_____

Assinatura do Cadete

Matheus Lima **Marchel**

A PARTICIPAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA TOMADA DE MONTE CASTELO

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ) como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**

Orientador: Carlos Roberto Peres

Resende
2019

Matheus Lima **Marchel**

A PARTICIAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA TOMADA DE MONTE CASTELO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Militares

Aprovado em _____ de _____ de 2019

Banca examinadora:

_____
Carlos Roberto Peres, Cel R1
(Presidente/Orientador)

_____
Márcio Sousa de Pinho, Maj

_____
Carlos Augusto Pascaretta Rocha, Cap

Resende
2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ter me dado forças para prosseguir durante os 5 anos de formação, também à minha esposa por ter permanecido ao meu lado o tempo todo e, por último, aos meus pais por serem meus maiores incentivadores para que eu pudesse me tornar um Oficial do Exército Brasileiro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por toda a sabedoria para lidar com todas as dificuldades e nunca esmorecer perante qualquer tipo de adversidade.

Agradeço à minha esposa, a quem eu sempre pude contar e foi meu principal ponto de apoio durante toda a formação.

Agradeço aos meus familiares, principalmente meus pais, que foram meus maiores incentivadores e aconselhadores.

Agradeço ao Cel Peres, meu orientador, que me instruiu de maneira excepcional para a conclusão e apresentação deste trabalho.

RESUMO

A PARTICIPAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA TOMADA DE MONTE CASTELO

AUTOR: Matheus Lima Marchel
ORIENTADOR: Carlos Roberto Peres

A Força Expedicionária Brasileira teve uma importante participação na mudança dos rumos da 2ª Guerra Mundial. Após a eclosão da 2ª Grande Guerra, o Brasil adotou sua posição neutra em relação aos beligerantes mas se viu obrigado a apoiar os países Aliados, principalmente os EUA, após ataques de submarinos alemães à embarcações brasileiras. Mesmo com muitas críticas e dúvidas o Brasil foi à Guerra. Criou-se a Força Expedicionária Brasileira (FEB) que foi enviada aos EUA para receber treinamento e equipamentos de guerra mais modernos, já que os métodos de combate usados no Brasil eram antigos e era necessário modernizar-se para combater num terreno que brasileiro algum era acostumado. Em meados de 1944 o primeiro contingente da FEB desembarca em solo italiano, totalmente arrasado pela guerra, e parte em direção ao Vale do Pó. A fome, a sede e rigoroso inverno europeu castigavam os pracinhas, que é como os militares brasileiros ficaram conhecidos, mas isso não os impediu de se tornarem uma importante peça do 5º Exército Americano. Os pracinhas combateram em Camaiore, Castelnuovo, Montese, Collechio, Fornovo e Monte Castelo. O objetivo deste trabalho é relatar, de maneira breve, como foi a preparação e a conturbada mobilização da FEB para a 2ª Guerra Mundial, sua atuação no campo de batalha e destacar a participação brasileira na tomada da elevação mais importante do Vale do Pó, Monte Castelo, e apresentar como foi a recepção após a chegada da FEB no Brasil, as consequências e os ensinamentos colhidos para a doutrina do Exército Brasileiro e os reflexos da atuação da Força Expedicionária em solo italiano no pós-Guerra.

Palavras-chave: FEB, Monte Castelo, 2ª Guerra Mundial, pracinhas, países Aliados

ABSTRACT

THE PARTICIPATION OF THE BRAZILIAN EXPEDITIONARY FORCE IN THE CONQUEST OF MONTE CASTELO

AUTHOR: Matheus Lima Marchel
ADVISOR: Carlos Roberto Peres

The Brazilian Expeditionary Force had an important participation in the change of the directions of World War II. After the outbreak of World War II, Brazil adopted its neutral position vis-a-vis the belligerents but was forced to support the Allied countries, especially the United States, after attacks by German submarines on Brazilian vessels. Even with many criticisms and doubts, Brazil went to war. The Brazilian Expeditionary Force (FEB) was created that was sent to the USA to receive training and equipment of war more modern, since the methods of combat used in Brazil were old and it was necessary to modernize itself to fight in a land that some Brazilian was used to it. In mid-1944 the first contingent of FEB landed on Italian soil, totally devastated by the war, and departed towards the Po Valley. Hunger, thirst and rigorous European winter punished the *pracinhas*, which is how the Brazilian military became known, but that did not stop them from becoming an important piece of the 5th American Army. The squares fought in Camaiore, Castelnuovo, Montese, Collechio, Fornovo and Monte Castelo. The objective of this work is to briefly describe how the FEB preparation and the troubled mobilization for World War II, its action on the battlefield and to highlight the Brazilian participation in the taking of the most important elevation of the Po Valley, Monte Castelo, and present the reception after the arrival of the FEB in Brazil, the consequences and lessons learned for the doctrine of the Brazilian Army and the reflexes of the performance of the Expeditionary Force on Italian soil postwar.

Keywords: FEB, Monte Castelo, World War II, *pracinhas,* Allied countries

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Instrução de tiro com o fuzil Garand.....15

Figura 2 – Presidente Getúlio Vargas a bordo do *General Mann*.....16

Figura 3 – Chegada do 1º escalão da FEB em Nápoles.....17

Figura 4 - Jornal da época retratando o retorno da FEB ao Brasil.....26

Figura 5 – Roteiro da FEB na Itália.....30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FEB	Força Expedicionária Brasileira
EUA	Estados Unidos da América
DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
RI	Regimento de Infantaria
DI	Divisão de Infantaria
Km	Quilômetro
Mm	Milímetro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....10
1.1 OBJETIVOS.....11
1.1.1 Objetivo geral.....11
1.1.2 Objetivos específicos.....11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....12
2.1 DECLARAÇÃO DE GUERRA.....12
2.1.1 PREPARAÇÃO PARA A GUERRA.....12
2.1.2 INSTRUÇÃO E TREINAMENTO.....13
2.2 PARTIDA PARA A EUROPA.....15
2.3 CHEGADA À ITÁLIA.....17
2.3.1 ADESTRAMENTO NA ITÁLIA.....17
2.3.2 ADESTRAMENTO DURANTE AS OPERAÇÕES.....18
2.4 OPERAÇÕES NO VALE DO RENO.....19
2.4.1 O PRIMEIRO E O SEGUNDO ATAQUE À MONTE CASTELO.....19
2.4.2 O TERCEIRO ATAQUE À MONTE CASTELO.....19
2.4.3 UM NOVO ATAQUE.....21
2.4.4 A DEFENSIVA DE INVERNO.....22
2.5 A OFENSIVA DO IV CORPO: O ÚLTIMO ATAQUE À MONTE CASTELO.....23
2.6 O PÓS-GUERRA E O RETORNO AO BRASIL.....25
3. REFERENCIAL METODOLÓGICO.....27
3.1 TIPO DE PESQUISA.....27
3.2 MÉTODOS.....27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....29
REFERÊNCIAS.....31

1 INTRODUÇÃO

Durante a Segunda Guerra Mundial, após ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, muitos disseram que "era mais fácil fazer uma cobra fumar do que o Brasil participar dessa guerra". A cobra fumou e o Brasil foi para a Itália. Getúlio Vargas, em seu governo, sempre se declarou neutro em relação ao apoio a algum país que lutava na guerra, mesmo que já tivesse contado com os Estados Unidos para o desenvolvimento industrial do país em troca de bases aeronavais no nordeste brasileiro.

Hitler deu uma "resposta" ao Brasil e isso fez com que Vargas firmasse, imediatamente, uma aliança com os EUA e declarasse guerra contra o Eixo. Houve uma comoção nacional para que o Brasil entrasse na guerra e foram recrutados 25.000 combatentes da recém Força Expedicionária Brasileira. O processo de seleção e a organização foram difíceis e longos devido a robustez física do brasileiro, armamentos ultrapassados e equipamentos inadequados para o teatro de operações europeu. Intensos treinamentos foram substituindo uma doutrina de batalha baseada na "escola francesa" para a doutrina de combate americana, com novos equipamentos, armamentos, táticas e técnicas desconhecidas pela maioria dos brasileiros. E assim, em julho de 1944, chega ao solo italiano o primeiro contingente da FEB, para integrar o 5º Corpo de Exército americano e romper a Linha Gótica.

A Força Expedicionária Brasileira combateu na Itália por 8 meses, e nesses 8 meses surpreendeu os exércitos aliados com seus feitos de bravura e atos de coragem, mesmo combatendo num terreno desconhecido, enfrentando um rigoroso inverno e com soldados armados e equipados de forma inadequada. Os "pracinhas" ficaram eternizados nos campos de batalha italianos e são, até hoje, lembrados e honrados como verdadeiros heróis da pátria brasileira.

Dentre as diversas batalhas travadas em solo europeu, destacam-se os ataques à Monte Castelo. A luta pela conquista do monte teve a duração de 3 meses e foram precisos 4 ataques para que brasileiros e aliados chegassem ao topo da elevação. Monte Castelo marcou por ser a primeira vitória brasileira na 2ª Guerra Mundial e serviu como prova do valor que um soldado do Exército Brasileiro tem. E também deve-se destacar o momento em que a 148ª Divisão de Infantaria alemã rendeu-se a FEB, totalizando 14.779 homens, sendo 2 Oficiais-Generais, 4.000 cavalos, 2.500 viaturas e 80 canhões de diversos calibres e uma grande quantidade de munição.

Este trabalho justifica-se para exaltar a memória daqueles que combateram em território europeu, exaltar os feitos do soldado do Exército Brasileiro daquela época que cultuava os valores morais da sociedade e que atualmente estão se perdendo. Portanto, deve-se fazer uma ligação do soldado brasileiro do passado com o do presente e assim perceber que o exército e seus valores não

mudaram, apenas evoluíram.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Destacar a participação da Força Expedicionária Brasileira na tomada de Monte Castelo.

1.1.2 Objetivos específicos

Apresentar as causas para a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Identificar como a Força Expedicionária Brasileira se preparou para a guerra (mobilização de pessoal, estudos, treinamentos).

Analisar os ataques fracassados à Monte Castelo e seus motivos de insucesso; e dar ênfase ao ataque que teve êxito na operação.

Analisar a opinião pública após o retorno dos combatentes brasileiros da Itália e a repercussão mundial pós-guerra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DECLARAÇÃO DE GUERRA

Na Conferência Internacional de Lima, em 1938, o presidente Franklin Roosevelt cria a ideia da "política da boa vizinhança" entre os países americanos e em 1939 eclode a Segunda Guerra Mundial, quando as tropas de Hitler invadem a Polônia. Neste mesmo ano, chanceleres das repúblicas americanas se reúnem para afirmarem solenemente a neutralidade geral de seus países. Com as vitórias dos regimes totalitários na Europa e as ameaças do eixo, os chanceleres se viram obrigados e reunirem-se novamente e decidiram que "todo atentado de Estado não-americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como ato de agressão contra os estados que firmam esta declaração". (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Uma frase que se tornou muito popular quando começou a Segunda Guerra Mundial era que "é mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil participar desta guerra". Inicialmente, o Brasil declarou-se oficialmente neutro. Após a reunião de chanceleres americanos e com o ataque de aeronaves japoneses à base naval de Pearl Harbor, o que culminou com a participação efetiva dos Estados Unidos na guerra, o Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo e passou a apoiar os norte-americanos.

Consolidada o rompimento de relações, o Brasil viu-se obrigado a se proteger contra agressões eixistas iminentes e logo se iniciou um serviço de patrulhamento intenso promovido pela Marinha e Força Aérea brasileira, já que a situação geográfica do Brasil permitia que tropas alemãs, situadas a noroeste do continente africano, desenvolvessem atividades hostis próximas à costa brasileira. Além disso, foram cedidas bases militares em território nacional consideradas imprescindíveis ao favorável desenvolvimento da guerra aos Estados Unidos, enquanto durasse a conflagração. Como reação, submarinos alemães e italianos começaram a torpedear navios mercantes brasileiros (VILELA, 2013).

2.1.1 PREPARAÇÃO PARA A GUERRA

A doutrina militar que o Brasil utilizava na época era referente à escola militar francesa, a qual continha técnicas e táticas inutilizáveis e até inaplicáveis em determinadas situações que a guerra poderia oferecer. Para que sua participação na guerra fosse útil, o Brasil contou com a ajuda dos EUA para se modernizar material e taticamente e estar preparado para o combate. Vargas e

Roosevelt encontraram-se em Natal para determinar os termos de cooperação militar entre os dois países. Neste encontro, ficou acertada a criação da FEB. Após o firmamento do acordo, oficiais brasileiros foram mandados para os Estados Unidos para a realização de cursos e estágios, e assim, a doutrina militar francesa vinha sendo substituída, aos poucos, pela doutrina americana. (VILELA, 2013)

Além da doutrina ultrapassada, havia outros problemas para a organização da FEB: a rigidez física do brasileiro, a insuficiência do material norte-americano e falta do equipamento adequado para suportar o frio europeu. Qualquer que fosse o teatro de operações, a rigidez física era o fator mais importante para suportar as adversidades que cada área de operação pudesse oferecer. Muitos armamentos americanos não eram conhecidos pelos brasileiros, já que o Exército Brasileiro só adquiria seus equipamentos bélicos na Europa, o que fez surgir a necessidade do adestramento militar ter de começar pelo que havia de mais elementar na instrução individual. O material era muito escasso e obrigava uma ordem de revezamento muito rígida (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

2.1.2 INSTRUÇÃO E TREINAMENTO

A necessidade de nivelar quantitativa e qualitativamente o pessoal expedicionário aos efetivos norte-americanos de guerra acarretou uma série de problemas. Mesmo se trabalhasse ardorosamente para proporcionar, em curto prazo, uma satisfatória eficiência à 1ª DIE, muito pouco se pôde realizar, já que o prazo era muito curto e as modificações eram exigentes e radicais. Os regimentos de infantaria teriam sua estrutura modificada, além da motorização de muitos dos seus elementos. Quanto as modificações no equipamento introduzido, o armamento era desconhecido entre brasileiros, tais como o fuzil Garand, morteiro 60 mm, a bazuca, a metralhadora leve ponto 30, o canhão anticarro 57 mm e o obus 105 mm. Além dos armamentos, as unidades de infantaria não conheciam os aparelhos de rádio, telefonia e radiotelegrafia (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Os armamentos e equipamentos brasileiros eram ultrapassados quando comparados ao dos países beligerantes, e por isso ficou acordado que os Estados Unidos forneceriam o material adequado para o combate. Parte do material foi enviado ao Brasil e o restante seria distribuído onde as tropas brasileiras seriam empregadas, mas nem todo material prometido chegou ao Brasil e grande parte dos pracinhas teve de treinar com equipamentos que não seriam utilizados. Segundo o cabo Rômulo César Machado França: “nós não tínhamos armamento atualizado; no Rio de Janeiro

fazíamos exercícios em Gericinó, mas com nossas próprias armas. E eram as antigas. Não possuíamos sequer ideia do material que iríamos receber".

Para o capitão Thorio Benedro de Souza Lima, comandante da Companhia de Petrechos Pesados:

> No que tange à instrução da 1ª DIE [1ª Divisão de Infantaria Divisionária Expedicionária], conclui-se que a mesma se desenvolveu de acordo com o planejamento elaborado, porém diante de uma série de circunstâncias desfavoráveis que devem servir de motivo de meditação. Mudança repentina de doutrina militar, da francesa para a americana, designação de unidades pertencentes a diversas regiões militares, retardando a concentração da DIE, insuficiência de material norte-americano para a instrução, flutuação dos efetivos das unidades em decorrência das mudanças de critério de seleção de pessoal, ausência de manuais técnicos e de campanha norte-americanos traduzidos para a língua portuguesa, carência de instalações e de campos de instrução, promiscuidade do pessoal e Unidades da 1ª DIE com as demais que ficariam no Brasil, influência negativa do ambiente do Rio de Janeiro, onde predominava a descrença na FEB. (LIMA, 2001, p.42).

Após a solução do problema do efetivo, o problema passou a ser a instrução, principalmente levando em conta a insuficiente quantidade de material de guerra. A principal dificuldade era traduzir os regulamentos de instrução e emprego norte-americanos, mesmo com a presença de oficiais tradutores. Com o tempo escasso, o meio utilizado para o preparo da tropa enquanto os manuais eram traduzidos foi o auxílio de oficiais brasileiros que participaram de um estágio no Exército dos Estados Unidos, o que facilitou bastante a tarefa inicial de adestramento.

A preparação técnica e tática da 1ª DIE foi encarada pelo chefe expedicionário, General Mascarenhas de Moraes, em dois ciclos bem diferente: um treinamento inicial, modelado na instrução individual e a ser concluído em dezembro de 1943; e um "desenvolvimento geral de instrução", abarcando dois períodos e objetivando o emprego de unidades constituídas. O primeiro ciclo se constituiu com uma ênfase ao tiro das armas, instrução física e marchas de treinamento. Marchas de 32 km a pé e exercícios em pistas de treinamento especializados conseguiram melhorar o estado físico da tropa (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

A Diretiva de 24 de abril do General Mascarenhas de Moraes determinava o início da instrução de embarque e desembarque, a fim de "tornar a 1ª DIE apta à execução de operações desta natureza em navios e outras embarcações". Ademais, no próprio ciclo do "desenvolvimento geral de instrução" existia a previsão de um período final, que seria realizado no próprio teatro de guerra, o que possibilitaria melhor o lucro no adestramento tático das unidades. (MASCARENHAS DE MORAES, 2005)

Figura 1 – Instrução de tiro com o fuzil Garand.

Fonte: https://deskgram.net/p/1390606152899652077_4099891994

2.2 PARTIDA PARA A EUROPA

Terminado o "primeiro período" de instruções, os soldados da FEB preparavam-se para partir para a Europa. O segundo período se deu pelas diversas instruções de embarque e desembarque e inspeções do Alto Comando do Exército. A operação de embarque foi feita em completo sigilo para a proteção contra ataques aéreos ou de submarinos inimigos (MASCARENHAS DE MORAES, 2014).

Antes da partida do 1º escalão da FEB, o Presidente Getúlio Vargas compareceu a bordo do transporte de guerra *General Mann* acompanhado do Ministro da Guerra, o General Eurico Dutra (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

> "Soldados do Brasil! O Presidente da República aqui veio, acompanhado do Ministro da Guerra, para trazer-vos os votos de feliz viagem. E não podendo fazê-lo pessoalmente a cada um, o faz por meio deste microfone. É sempre uma glória lutar-se pela Pátria e por um ideal. O Governo e o povo do Brasil vos acompanham em espírito na vossa jornada e vos aguardam cobertos de glórias." (GETÚLIO VARGAS, 1944)

No dia 2 de julho, o *General Mann* seguiu viagem para a Itália. O General Mascarenhas de Moraes era o único a bordo que tinha conhecimento do porto de destino, Nápoles. Durante todo o

percurso, os navios que transportavam as tropas brasileiras foram escoltados pela Marinha do Brasil, navios e aviões norte-americanos e ingleses, além dos equipamentos de segurança presente nas embarcações e aeronaves. Mesmo com todos esses meios, os exercícios de simulação para abandono do navio eram diários e as regras de segurança (uso permanente do colete salva-vidas e escurecimento do navio durante a noite) eram seguidas rigorosamente.

Até a passagem do Equador, os tripulantes sofriam com o forte calor, que se agravava à noite devido as medidas escurecimento do navio e alojamentos cheios até o teto, e os constantes enjoos. Os frequentes exercícios de artilharia de bordo contra alvos aéreos interessaram muito à tropa e serviram como um agradável passatempo. Para aliviar as preocupações da viagem e o cerceamento da liberdade, os comandantes dos transportes exibiram alguns filmes e executaram programas de diversão (MASCARENHAS DE MORAES, 2014).

Figura 2 – Presidente Getúlio Vargas a bordo do *General Mann*

Fonte: tokdehistoria.com.br/2015/06/04/a-feb-e-o-uss-general-mann-navegando-para-a-guerra/

2. 3 CHEGADA À ITÁLIA

Na manhã do dia 16 de julho, o *General Mann* atracou no porto de Nápoles. Logo que

chegou, o General Devers, comandante de todas as forças americanas no Mediterrâneo, foi a bordo para cumprimentar os General Mascarenhas de Moraes e o primeiro escalão de embarque das tropas brasileiras. Após o desembarque o primeiro contingente expedicionário seguiu para o estacionamento de Agnaro (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

O restante da FEB (2º e 3º escalões) desembarcaram na Itália em 6 de outubro, e o Depósito de Pessoal da FEB (4º e 5º escalões) desembarcaram em 7 de dezembro e 22 de fevereiro de 1945, respectivamente. Ao final, a FEB contava com 25.334 integrantes.

Figura 3 – Chegada do 1º escalão da FEB em Nápoles

Fonte: ribas-aspirante88.blogspot.com/2011/07/forca-expedicionaria-brasileira-embarca.html

2.3.1 ADESTRAMENTO NA ITÁLIA

Os brasileiros do 1º escalão de desembarque precisavam se adestrar em solo europeu, e o principal obstáculo era a falta de material de instrução, assim como foi no Brasil. Eram realizadas diversas marchas de treinamento, sessões de ordem unida, instrução geral e práticas desportivas para conservar a forma física dos homens e manter a disciplina e coesão da tropa. Logo após o 1º escalão ser incorporado ao V Exército dos Estados Unidos, os materiais prometidos começaram a ser distribuídos, mesmo que não na sua totalidade mas já serviu para mudar consideravelmente o aspecto das tropas brasileiras (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

As atividades do 1º escalão de embarque seriam desenvolvidas em Vada para ultimar seu adestramento para o combate. Já com a dotação completa de material, as instruções ocorreram da melhor forma possível, executando exercícios de combate em todos os escalões. Os últimos dias do período de instrução final foram "simulações" de combate, sendo empregados mais de 4 mil brasileiros e uma grande quantidade de munição, e ao final do exercício o General Mark Clark declarou o 1º escalão de embarque apto para entrar em linha (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Aos moldes do que aconteceu com o 1º escalão de embarque da FEB, os 2º e 3º escalões também precisavam se ambientar com o tipo de operação que realizariam em solo italiano e receber o material necessário para o cumprimento das missões. Houve também atraso na entrega dos equipamentos, totalizando 35 dias para receber todo o material necessário. Devido aos problemas, as instruções do grosso da FEB se desenvolveram com imperfeições, ora notadas posteriormente, em algumas unidades da 1ª DIE, nos campos de batalha (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

2.3.2 ADESTRAMENTO DURANTE AS OPERAÇÕES

Se houve problemas no Brasil para poder organizar a FEB e selecionar o pessoal que a compunha, na Itália o retardamento na entrega do material e as necessidades prementes da frente de combate fizeram com que a 1ª DIE entrasse em linha num estado de adestramento abaixo do esperado.

Os últimos recontros no vale do Reno despertaram ensinamentos valiosos que influenciaram na moldagem do combatente brasileiro. Foi quando o General Mascarenhas de Moraes, comandante da Expedição Brasileira, decidiu realizar instruções práticas baseadas no que fora aprendido e em sua Diretiva Geral nº 8 ressaltou a importância e a oportunidade de certos aspectos do combate contemporâneo, realçando 3 pontos importantes para os quais as tropas deveriam canalizar os esforços da instrução e nortear sua conduta no combate: a intensificação do treinamento de patrulhas, a manutenção, no tempo e espaço, da ligação da Infantaria com a Artilharia, e a conduta da tropa no objetivo conquistado, prevendo sempre o contra-ataque do inimigo. Esta última se deu devido a observação da conduta de tropas alemãs de pretender recuperar uma posição por intermédio de contra-ataques feitos por tropas adestradas e decididas (MASCARENHAS DE MORAES, 2005)

A conduta em combate motivou a criação de cursos de especialistas e o estabelecimento de algumas diretrizes em combate, foram elas: o funcionamento de um curso de minas para tropas de Infantaria, prescrição de medidas destinadas a assegurar uma razoável defesa antiaérea, e a

focalização dos principais ensinamentos extraídos dos malogrados ataques a Monte Castelo (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

2.4 OPERAÇÕES NO VALE DO RENO

2.4.1 O PRIMEIRO E O SEGUNDO ATAQUE À MONTE CASTELO

A partir de novembro de 1944, teve início a fase conhecida como Defensiva-Agressiva, que se desenvolveu inteiramente no Vale do rio Reno, região montanhosa e com um terreno difícil onde se encontrava Monte Castelo. Durante as operações denominadas "preliminares", o comando do IV Corpo de Exército decidiu realizar um ataque à elevação, a fim de desafogar a ameaça que permanentemente pairava sobre a estrada 64 (Pistoia-Porretta Terme-Bolonha), seu eixo de comunicação e abastecimento. Um esquadrão de reconhecimento, um pelotão do 9º Batalhão de Engenharia e o III/6º RI reforçaram um grupamento tático da 45ª DI norte-americana, a *Task Force 45*. No dia 24 de novembro iniciava-se a operação. A ofensiva constitui-se basicamente em um ataque às posições alemãs da área de Monte Castelo, culminando no completo insucesso da operação.

O segundo ataque aconteceu no dia seguinte, 25, e se desencadeou da mesma maneira com uma ampliação na frente de ataque. Nesta segunda tentativa, a *Task Force 45* conseguiu atingir o topo da elevação e alcançar o Monte Belvedere (elevação localizada à esquerda e a 3 quilômetros de Monte Castelo), posição-chave daquele palco de guerra. O fracasso da operação se deu pela grande extensão do objetivo alcançado, pelo desgaste físico das tropas aliadas e pela retaliação violenta da 232ª Divisão alemã, obrigando brasileiros e norte-americanos a abandonarem suas posições (SILVEIRA).

Os dois ataques, além de elevar o moral das tropas alemãs, serviu para que as defesas de Monte Castelo fossem reforçadas e que as tropas inimigas percebessem o objetivo dos Aliados em conquistar a posição. Mesmo com os fracassos, a *Task Force 45* conseguiu ocupar o Monte Belvedere (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

2.4.2 O TERCEIRO ATAQUE À MONTE CASTELO

Após os dois primeiros ataques à Monte Castelo ocorrerem sem interferência do General Mascarenhas de Moraes, o comandante do IV Corpo de Exército decidiu empregar ofensivamente a 1ª DIE, cabendo ao General Mascarenhas de Moraes o comando de sua divisão e plena liberdade de

coordenar os seus meios segundo a ordem recebida. Mesmo sabendo que a 1ª DIE não estava completamente reunida e nem convenientemente adestrada, o comando do IV Corpo resolveu empregar ofensivamente a Divisão brasileira sobre Monte Castelo. O chefe brasileiro passou a assumir três compromissos: um permanente, defensivo, de manutenção de uma frente de largura de 15 quilômetros e a exigir 5 batalhões em linha, no mínimo; outro, imediato, de feição ofensiva, qual seja um ataque contra Monte Castelo-Monte Della Torraccia; e, finalmente, o terceiro, a conquista de Castelnuovo (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

A 1ª DIE recebeu a ordem desse ataque em 29 de novembro e procurou reunir os meios, o que fez com grande dificuldade devido ao emprego de uma tropa mal adestrada e que não tinha conhecimento da zona de combate. Compunham o grupamento de ataque à Monte Castelo o I/1º RI, o III/11º RI, o III/6º RI, 3 pelotões de tanques americanos, dois grupos da Artilharia brasileira (I e II) em apoio direto aos batalhões e tanques; o IV Grupo de Artilharia, nas ações de conjunto, além do 13º Batalhão de Tanques americanos e dois pelotões de tanques do 894º Batalhão de Tanque Destroyer e a Companhia de Obuses do 11º RI. Lamentavelmente não se pode contar com apoio aéreo. A Instrução de Operações nº 71 tinha como missão conquistar Monte Castelo e atacar a crista de Belvedere (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Na madrugada do dia 28 para 29 de novembro, justamente quando as tropas brasileiras precisavam situar-se na base de partida em frente Monte Castelo, os alemães investiram contra o Monte Belvedere e expulsaram os americanos que o haviam conquistado em 25 de novembro. O deslocamento para a base de partida foi feita através de um terreno escarpado, escorregadio e sob chuva torrencial, o que piorou as condições dos integrantes do Escalão de Ataque.

Às 07:00 horas desencadeia-se uma estrondosa barragem de fogos sobre Monte Castelo, Belvedere e Dela Torraccia enquanto o escalão de ataque I/1º RI a esquerda e III/11º RI a direita desembocava rapidamente em direção ao Monte Castelo. O inimigo estava preparado para conter o ataque da 1º DIE com seus fogos de metralhadoras e morteiros, mas a tropa avançava em proveito do apoio da Artilharia brasileira, comandada pelo General Cordeiro de Farias. Ao meio dia tudo parecia favorável aos ataques brasileiros. O I/1º RI progredia bem mas teve duas companhias detidas e o III/6º RI já estava quase no sopé de Monte Castelo mas sofreu pesadas perdas e teve que recuar para a base de partida. O III/11º RI foi obrigado a fazer recuos, pois ficou com seu flanco esquecido muito vulnerável aos contra-ataques inimigos. A escuridão se aproximou e impossibilitou o emprego do Batalhão Reserva, que solicitou ao comando do Destacamento a sua volta à base de partida, que foi autorizada (PINTO JUNIOR; MEDEIROS JUNIOR, 2001).

Houve cerca de 200 baixas no combate, mas o comando do V Exército não desanimou e considerou que a tropa já estava supostamente pronta para o novo ataque e determinou o

reajustamento do dispositivo, com o preenchimento dos claros que apareceram na tropa

2.4.3 UM NOVO ATAQUE

O comandante do V Exército persistia na ideia de retomar a ofensiva antes do inverno. Com isso, o comandante do IV Corpo determinou à 1ª DIE que capturasse a crista Belvedere-Della Torraccia como operação preliminar. Em 6 de dezembro, o chefe brasileiro acompanhado dos generais Zenóbio da Costa e Cordeiro de Farias, procedeu a um cuidadoso reconhecimento do terreno. Após o estudo feito das possíveis zonas de ataque, Mascarenhas de Moraes decidiu escolher Monte Castelo como objetivo principal da operação.

As más condições atmosféricas impuseram a transferência do dia do ataque para o dia 12 de dezembro, o que proporcionou um benefício real de aumento no prazo para o reajustamento do dispositivo de ataque. A artilharia brasileira aproveitou o aumento do prazo e durante os dias 6 a 11 de dezembro executou uma série de bombardeios sobre Monte Castelo e obteve excelentes resultados. Também neste período, foram realizadas diversas missões de reconhecimento da frente de ataque e pode-se verificar que uma guarnição das casamatas existentes estava morta, fazendo com que o comando brasileiro organizasse um grupamento de ataque para conquistar Monte Castelo. A execução deste ataque seria antecipada por uma ação diversionária, no flanco direito do dispositivo brasileiro e também ficara ajustado desencadear o ataque de surpresa a operação (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

No dia 12 de dezembro, sob uma chuva fina e irritante, teve início a operação. As fortes chuvas que vinham caindo anteriormente transformaram a área de acesso à base de partida num imenso lamaçal, e a visibilidade reduzida a um pouco mais de cem de metros devido à presença de um denso nevoeiro, dificultava e às vezes impossibilitava a regulação dos tiros da artilharia de apoio. O momento de partir rumo a Monte Castelo se aproximava e o nevoeiro dava esperança a brasileiros e americanos no bom êxito do efeito surpresa, mas, no justo momento da partida, a Artilharia norte-americana desencadeou prematuramente um bombardeio diversionário sobre Monte Belvedere, quebrando completamente o sigilo da operação.

As 06:00 horas partia o III/1º RI e, após 30 minutos, alcançava a linha Le Roncole–Casa Guanella. O II/1º RI não conseguiu sair da base de partida no horário fixado devido ao cansaço dos seus integrantes, saindo somente depois das 07:00 horas, quando não existia mais a surpresa e o inimigo já faziam sentir seus fogos ajustados. Uma violenta barragem de morteiro inimigo obrigou duas companhias a cedo colarem ao terreno e as metralhadoras alemãs hostilizaram rudemente uma companhia. Em face da difícil situação, o comandante do grupamento de ataque decidiu empregar o

III/11º RI, reserva do ataque (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Sem obter êxito e percebendo que a noite chegaria logo, o General Zenóbio da Costa decidiu encerrar a operação às 15:00 horas, determinando a retirada dos batalhões atacantes para as posições de partida. Aproximadamente 140 homens tombaram no terreno. O ataque do dia 12 evidenciou o insucesso de ataques isolados, com meios escassos, sobre Monte Castelo. Para furar a resistência germânica era preciso atacar o conjunto Belvedere–Castelo–Torraccia–Gosgolesco empregando um mínimo de duas divisões, apoiadas da artilharia e da aviação. A defensiva de inverno seria a oportunidade de que se valeria o chefe dos expedicionários para aprimorar o valor de sua divisão, reajustando-a em todos os pontos que se fizessem necessários (MASCARENHAS DE MORAES, 2005)

2.4.4 A DEFENSIVA DE INVERNO

Dias depois da chegada do inverno, o setor defensivo da 1ª DIE, coberto por uma densa camada de neve, veio a mostrar uma paisagem até então desconhecida pela maioria dos expedicionários. A temperatura, por algumas vezes, chegou a atingir os 18 ºC negativos. Tropical, tendo vivido em um país de grandes planícies e temperatura amena, o soldado brasileiro se adaptou bem ao rigoroso inverno europeu.

A Divisão Brasileira distendeu-se numa frente de 18 quilômetros, desde Belvedere até Lissano, o que acarretou o emprego simultâneo de quase todos os seus meios para guarnecer tão larga e agitada frente. Geralmente, as posições de combate dos beligerantes não se avistavam entre si, o que impediu que as armas individuais e automáticas se hostilizassem diretamente. Estabeleceu-se esse contato mediate o emprego de patrulhas e a entrada em ação dos bombardeios de artilharia e morteiros. Assinalou-se o período hibernal por uma atividade constante de patrulhas, de parte a parte (MASCARENHAS DE MORAES, 2005)

Durante o dia a atividade no campo de batalha era praticamente nula. À noite, as patrulhas, de um lado e outro, procuravam insinuar-se no dispositivo contrário, dando isso origem, várias vezes, a fortes e pesados bombardeios, principalmente de morteiros. A atividade incessante e multiforme do inimigo se manifestou através de golpes de mão, duelos de artilharia, inquietações dos canhões de grande calibre e incursões de seus escassos elementos de aviação.

No início da defensiva de inverno, lavrava certo desalento e pessimismo, principalmente no meio da tropa. Em vista disso, organizou-se um plano especial destinado a manter em nível elevado o moral da tropa. O Serviço Especial, dentro de suas atribuições, traçou executou um plano de repouso e diversões em Roma e Florença, contemplando todas as unidades. O serviço religioso

buscou fortalecer as convicções, a noção de responsabilidade e o espírito de sacrifício, sem o qual nada se poderia obter (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Todas essas providências, em concordância com o adestramento que o expedicionário vinha obtendo na zona de combate refletiram a preocupação do chefe brasileiro de transformar sua divisão numa grande unidade à altura de suas responsabilidades nas operações futuras. Conforme o inverno diminuía, os preparativos para a ofensiva começavam.

2.5 A OFENSIVA DO IV CORPO: O ÚLTIMO ATAQUE À MONTE CASTELO

Em 8 de fevereiro de 1945, o General Crittenberger convocou os comandantes de suas divisões para uma reunião e informou-os que seria realizada uma ofensiva de ampla envergadura e que seria desfechada na primavera. Tal operação ficou conhecida como "Ofensiva do IV Corpo de Exército", e seria executada pela 10º Divisão de Montanha e pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e contaria com o reforço da artilharia do V Exército e o auxílio da aviação, incluindo a FAB. Decidiu-se que o ataque seria iniciado pela 10ª Divisão de Montanha, conquistando Monte Belvedere e Gorgolesco e progredindo até Mazzancana; a partir desse momento, a Divisão Brasileira atacaria Monte Castelo, em concordância com o ataque da divisão de montanha sobre Della Torraccia (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Às 23:00 horas do dia 19 de fevereiro a 10ª Divisão de Montanha iniciou o assalto, e ao clarear da manhã seguinte conquistou Belvedere e Gorgolesco. A partir daí, os contra-ataques alemães foram pesados, mas a tropa montanhesa, com o auxílio de tanques e da artilharia, subjugou a resistência alemã e conquistou a área de Mazzancana.

É chegada a hora da intervenção brasileira na operação. Às 05:30 horas do dia 21 de fevereiro dava início o ataque derradeiro à Monte Castelo. As reações inimigas fizeram-se sentir enérgicas e crescentes, dando margem a lances imprevistos e flutuações inevitáveis. O batalhão do Major Uzeda progrediu com certa ousadia pela crista da elevação enquanto o III/1º RI mantinha a frente atingida, defrontando alguns pontos fortes alemães. Às 09:00 horas, a 5ª Cia II/1º RI foi empregada pelo Coronel Caiado na esteira do I/1º RI (Batalhão Uzeda), em virtude desta unidade estar desenvolvendo esplêndido ritmo no seu avanço. Resistências contrárias fizeram com que os montanheses norte-americanos ficassem com seu progresso travado ao norte de Cappella di Ronchidos. Monte Della Torraccia oferecia uma reação indômita ao progresso da 10ª Divisão de Montanha, impossibilitando a execução do que fora planejado anteriormente: a simultaneidade dos ataques de montanheses e brasileiros à Della Torraccia e Monte Castelo, respectivamente (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Tirando partido da precisão e violência da artilharia brasileira, comandada pelo General Cordeiro de Farias, o ataque brasileiro redobrou de fúria e impulsão, querendo conquistar Monte Castelo ainda na jornada do dia 21, o que seria um índice convincente da agressividade de nossas tropas e um auxílio aos montanheses que estavam com dificuldades para progredir em Della Torraccia (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Pouco antes do meio dia, houve uma confusão na área da 10ª Divisão de Montanha, que confundiu o batalhão do Major Uzeda com tropas alemãs, mas rapidamente tudo foi restabelecido. Mais tarde, por volta das 14:30, já eliminadas as resistências germânicas, voltou o I/1ª DI a abrir caminho, conquistando as cotas 930 e 875. Em concordância com a progressão do Batalhão Uzeda (I/1º RI), o III/1º RI, contando com o apoio da atilharia brasileira subjugou rapidamente o ponto forte de Fornello. Paralelo e simultaneamente ao ataque do II/1º RI, o Batalhão Ramagem (II/11º RI) avançava em direção a Abetaia, um dos maiores focos de resistência aos ataques a Monte Castelo, e assegurava valiosa cobertura à ação que contornava a porfiosa resistência da cota 887. Finalmente, às 17:20, a defesa inimiga entrou em colapso. Seguiram-se as operações de limpeza, com a captura dos defensores remanescentes e a ocupação definitiva das encostas setentrionais de Monte Castelo (PINTO JUNIOR; MEDEIROS JUNIOR, 2001).

Logo após a conquista, as tropas do Regimento Sampaio ocuparam posições defensivas nos objetivos, e outros elementos brasileiros ocuparam posições em Monte Della Casellina como postos avançados da Divisão Brasileira, garantindo cobertura das posições recém-capturadas e asseguram a imediata tomada do movimento ofensivo, apesar de a situação ainda não ser favorável aos norte-americanos em Monte Della Torraccia (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

2.6 O PÓS-GUERRA E O RETORNO AO BRASIL

Os italianos estavam muito agradecidos pela participação da FEB na libertação da Itália do nazifascismo. O relacionamento era o melhor possível. Foi feito um almoço para comemorar a vitória, entrega de condecorações, uma missa pelos mortos brasileiros em combate e cotas de repouso nos melhores hotéis do Norte da Itália e da Côte D'Azur. A partir de 3 de junho as unidades brasileiras começaram a se deslocar para a área de Francolise. A data de ocupação terminou em 20 de junho.

O contato com a população local fez com que o temor e a insegurança existentes durante o período da guerra fossem esquecidos e uma aproximação com as tropas brasileiras fosse crescente. Os clubes de oficiais e praças, instalados e postos a funcionar pelo Serviço Especial da 1ª DIE em diversas cidades da nossa zona de ocupação, tiveram, desde o primeiro dia, uma frequência

selecionada das populações locais. Foram realizados jogos e danças, diversas partidas de futebol entre brasileiro e italianos, houve a exibição de filmes brasileiros e concertos realizados pela banda de música brasileira. A aproximação entre brasileiros e italianos foi tão grande que os habitantes locais pediram que a tropa brasileira permanecesse na Itália. A imagem da Força Expedicionária Brasileira foi a mais lisonjeira possível (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

> "Vossa tropa veio para a Itália, tornando-se uma parte do IV Corpo e do V Exército, reunindo-se às forças aliadas quando estavam engajadas na luta mortal contra nosso inimigo comum. Combatestes brava e valentemente e contribuístes substancialmente para a conquista da vitória das Nações Unidas. Agora se aproxima o momento da partida de vossa tropa. Podeis estar orgulhoso, com a certeza de terdes cumprido integralmente a missão para a qual o povo brasileiro vos enviou para solo estrangeiro. Soldados do Brasil, eu vos saúdo; congratulações pelo eficiente trabalho que realizastes; desejo que Deus vos acompanhe na viagem de retorno aos vossos lares e vossas famílias." (GEN CRITTENBERGER, 1945)

Finda a guerra em território europeu e limpo o Atlântico dos submarinos nazifascistas, não houve mais necessidade de envolver em sigilo o embarque da Força Expedicionária Brasileira. Foram então utilizados navios-transporte norte-americanos e alguns outros nacionais, convenientemente adaptados. Nápoles foi o porto de atracação, de onde as tropas iniciaram seu regresso ao Brasil. As relações do pessoal embarcado foram com enviadas com antecedência para o Brasil, por intermédio de oficiais que viajavam por via aérea, a fim de que no Rio de Janeiro fosse preparada a recepção.

Todos os escalões desembarcaram no Rio de Janeiro, sendo recebidos calorosamente pelos cariocas. Jamais a cidade viveu momentos de maior exaltação patriótica. Para a chegada do 1º Escalão, sob o comando do General Zenóbio da Costa, foi organizada a Parada da Vitória, que contou com a presença dos Generais Mark Clark, J.G. Ord, Willis Crittenberger e Donald Brand. As principais avenidas da capital brasileira estavam ansiosas para ver e aplaudir os soldados que combateram Hitler e Mussolini. Na tarde de 18 de julho, entre delirantes aclamações populares marcharam, ao longo das avenidas cariocas, algumas tropas expedicionárias dos Estados Unidos e do Brasil, irmanadas nas festas da paz como o foram nas circunstâncias críticas da guerra (MASCARENHAS DE MORAES, 2005).

Figura 4 – Jornal da época retratando o retorno da FEB ao Brasil

DEIXARAM NÁPOLES OS VAPORES "D. PEDRO I" "D. PEDRO II" E "DUQUE DE CAXIAS" ---

A TRIBUNA

SANTOS — Sexta-feira, 30 de Julho de 1945

Foi verdadeiramente empolgante o desfile da F. E. B., no Rio

O POVO CONSAGROU COM OS SEUS APLAUSOS OS BRAVOS EXPEDICIONARIOS — CENAS INTERESSANTES VERIFICADAS DURANTE O DESFILE DOS NOSSOS SOLDADOS — DESCRIÇÃO COMPLETA DO EMOCIONANTE ESPETÁCULO ASSISTIDO NA AVENIDA RIO BRANCO

Será sábado o licenciamento de

Fonte: http://histoblogsu.blogspot.com/2009/08/o-brasil-de-vargas-na-2-guerra.html

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica para analisar a trajetória da Força Expedicionária Brasileira durante a 2ª Guerra Mundial, desde os antecedentes da guerra e a mobilização do contingente necessário para compor a FEB, sua atuação durante o combate até o retorno das tropas brasileiras para o Brasil.

3.2 MÉTODOS

Foram usados para o desenvolvimento da pesquisa: livros, artigos, revistas e sites específicos sobre o assunto para que haja a coleta do maior número possível de informações da época somado a opinião escrita de grandes historiadores especializados no assunto, favorecendo a veracidade das informações obtidas durante a pesquisa.

A principal fonte de pesquisa para o desenvolvimento do trabalho foi o livro *"A FEB pelo seu comandante"*, de autoria do Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante das tropas expedicionárias brasileiras. Também foram utilizados livros escritos por militares que participaram da 2ª Guerra Mundial, principalmente nos ataques à Monte Castelo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É fato que o pós-guerra trouxe vantagens para o Brasil, tanto políticas, econômicas e militares, mas também desvantagens. Uma vantagem seria o ganho na dimensão estratégica e a importância geopolítica no cenário mundial. Segundo o Coronel Luís Paulo Macedo Carvalho "A aliança Brasil-Estados Unidos de 1937 a 1945 pode ser considerada enganosa porque a política de ambas as nações era de conveniência ou de fachada, mascarando os reais interesses nacionais. Os norte-americanos, através da política de boa vizinhança, buscavam a americanização do Brasil para neutralizar a influência germânica, e somente pretendiam a utilização das bases militares em nosso território e o fornecimento de matérias-primas estratégicas e alimentos, enquanto o Governo brasileiro procurava tirar vantagem do namoro aparente com o Eixo e da ameaça latente ao continente sul-americano para armar-se ante a hipótese de invasão argentina e assegurar uma política desenvolvimentista". Isso ocorreu porque antes do início da guerra os Estados Unidos consideravam os países sul-americanos despreparados, só após a confirmação de informações das pretensões de Hitler na América do Sul que os norte-americanos resolveram intervir. O Brasil viu, nessa ocasião, uma oportunidade de obter apoio para o desenvolvimento do país.

As consequências no aspecto militar que o fim da 2ª Guerra trouxe para o Brasil foram o crescimento do respeito e a admiração ao militar, ora desacreditado devido ao conturbado período de seleção de pessoal, as dificuldades no adestramento, a falta de material e equipamento necessário para o combate e a atuação num campo de batalha totalmente desconhecido. Outro ponto importante foi a modernização do Exército Brasileiro, com a aquisição de armamentos modernos, canhões antiaéreos e de campanha de maior alcance, reestruturando diversas unidades com a mecanização e a motorização, aquisição de blindados, novos equipamentos de engenharia e comunicações, criação de tropas aeromóveis e aeroterrestres etc. Houve o desenvolvimento da doutrina militar brasileira, um misto das técnicas defensivas da doutrina militar francesa com as ofensivas da doutrina americana.

Houve um investimento nas forças armadas, como: a criação de estabelecimento de ensino especializados (EsIE); adoção do sistema de ensino a distância, que reduziu custos e facilitou o ensino de línguas; alteração no currículo dos estabelecimentos de ensino militares. Há também que se destacar o convívio com militares estrangeiros, proporcionando o contato com culturas, costumes e mentalidades diferentes.

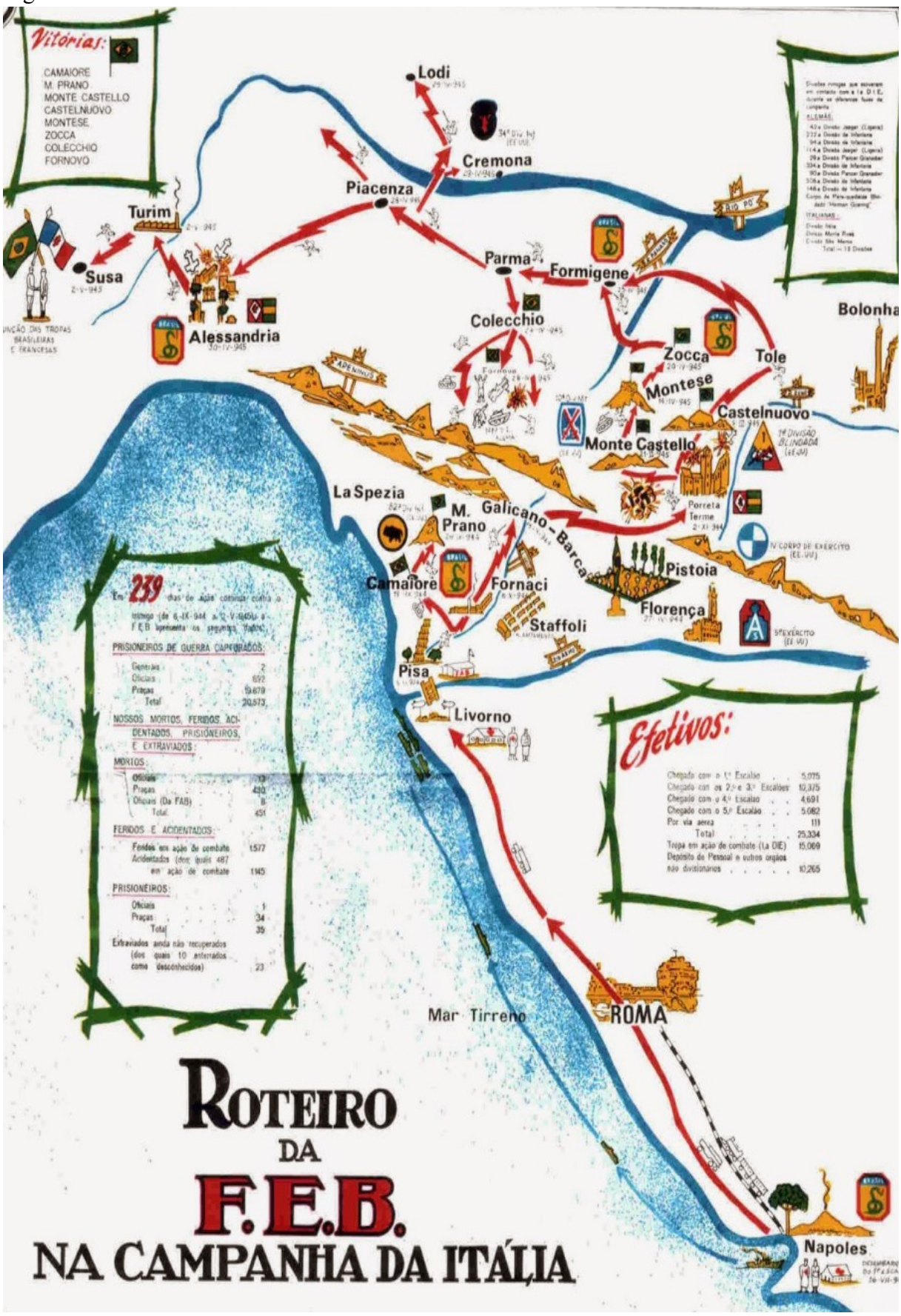
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Força Expedicionária Brasileira exerceu um papel excepcional na 2ª Guerra Mundial, muito além do esperado por muitos. O comandante do IV Corpo de Exército, General Willis Crittenberger, elogiou por diversas vezes a atuação da FEB e em seu ofício sobre a conquista de Monte Castelo escreveu: "Por intermédio desta, elogio-vos e a todos os oficiais e praças sob o vosso comando que participaram da recente operação do IV Corpo, que deu como resultado a captura e consolidação do maciço Belvedere – Castelo e o avanço da parte correspondente a vossa linha de frente de cerca de uma milha na execução da missão que vos foi confiada, desempenhada de modo digno de tropas experientes em que já se transformam os vossos comandos. […] O honroso desempenho das tropas brasileiras, sob o vosso comando, estabelece um padrão elevado que servirá para estimular todos os outros elementos de vossa Divisão, quando chegar a oportunidade de lançá-los em novas ações de ofensiva[….]"

Segundo o General Mark Clark, comandante do XV Corpo de Exércitos, "foi um privilégio estar associado com os brasileiros nesta campanha. A FEB sempre se desempenhou galhardamente de todas as missões que lhe foram confiadas. Na perseguição, a FEB não relaxou a pressão contra o inimigo, conseguindo, por isso, a rendição da 148ª Divisão alemã, completa. Foi a FEB quem obteve a capitulação de uma DI que nos vinha dando trabalho havia longo tempo. Foi um magnífico final para uma atuação magnífica"

A conquista de Monte Castelo foi o início de uma trajetória que ficara marcada na história do Exército Brasileiro. Serviu para provar ao mundo e para alguns brasileiros o valor do nosso combatente, que lutou num terreno totalmente desconhecido sob um rigoroso inverno, enfrentado fortes chuvas e terrenos alagados, e mesmo mal preparado, tendo praticamente concluído seu adestramento durante as batalhas, utilizando armamentos nunca antes visto pela maioria dos soldados brasileiros e com pouco tempo de instrução, já que recebeu efetivamente os armamentos e equipamentos somente em solo europeu, serviu de exemplo para as tropas altamente preparadas e adestradas dos Estados Unidos. Até hoje os feitos da nossa Força Expedicionária são lembrados por todas as Organizações Militares do Brasil e também em solo italiano, rendendo homenagens anuais em memória dos nossos "pracinhas", que libertaram a Itália do nazifascismo. Após a conquista de Monte Castelo, a FEB atuou nos combates à Montese, Castelnuovo, La Serra, Camaiore, Collechio, Fornovo di Taro e muitas outras. A FEB reuniu aproximadamente 25 mil combatentes e foram mortos em combate 450 praças, 13 oficiais e 8 pilotos.

Figura 5 – Roteiro da FEB na Itália



Fonte: www.legiaodainfantariadoceara.org/leginf_CastelloBranco_atuacaoFEB.html

REFERÊNCIAS

PINTO JUNIOR, Gen Domingos Ventura; MEDEIROS JUNIOR, Cel José Dinoá. **A conquista de Monte Castelo e La Serra.** Porto Alegre: Gênesis, 2001.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **Memórias.** 3. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2014.

CARVALHO, Cel Luís Paulo Macedo. **Consequências e reflexos da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.** Disponível em: <https://www.revistamilitar.pt/artigo/283>. Acesso em: 30 maio 2019

VILELA, Túlio. **Brasil na Segunda Guerra - surge a FEB - Dificuldades para criar uma força expedicionária.** Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil>. Acesso em: 25 set. 2018

SILVEIRA, Joel. **O Brasil na 2ª Guerra Mundial.** Disponível em: <http://www.pitoresco.com/historia/guerra/guerra04.htm>. Acesso em: 26 set. 2018.